

Meu primeiro ano no Japão foi uma experiência e tanto. Cheguei ao Japão sabendo japonês o suficiente para perguntar onde fica a estação mais próxima, mas não para entender a resposta. Por sorte, assim que cheguei na escola preparatória de língua japonesa, a escola havia chamado o Farley, um outro estudante brasileiro que morava no Japão há anos, para me auxiliar no primeiro dia. Com ele eu e um outro estudante recém chegado do México fizemos o RG japonês, conta bancária, e muitas outras coisas essenciais para começar a vida no Japão.

Nesta escola não demorou muito para eu entrar em um grupo de amigos, experiência que foi uma das mais enriquecedoras da minha vida. Nesse grupo ninguém era do mesmo país; havia uma malgaxe (pessoa nascida em Madagáscar), uma srilankesa, uma indonésia, uma malaia (pessoa nascida Malásia), um peruano e um mexicano. As diferenças culturais, de idiomas, assim como as semelhanças, eram tantas que foram assunto de meses (até mesmo hoje, um ano e meio depois, ocasionalmente encontramos alguma peculiaridade do país do outro que chama atenção). Experiência que jamais teria tido caso não tivesse recebido a bolsa do Japão.

Nos primeiros 6 meses tivemos basicamente somente aulas de japonês para nos prepararmos para o ano seguinte, em que teríamos aula apenas com japoneses. Nesse período o pessoal da classe estava mais do que ansioso para saber aonde seriam enviados para estudar seus respectivos cursos. Como foi feita a escolha da instituição de ensino? Um completo mistério! Após as provas do meio do ano, foi dito aos nossos professores de japonês que a instituição seria revelada no final das férias de verão, começo de agosto. Chegado tal período, os professores foram informados que haveria uma mudança de planos, que agora a revelação seria feita em novembro. O que, claro, deixou todo mundo mais aflito. Quando finalmente o dia chegou, os professores de japonês reuniram os alunos das 4 classes em um auditório para anunciar a decisão. Então nos foi entregue um pequeno papel com o nome da cidade e da instituição de ensino para onde seríamos enviados. Nesse momento houve um enxoval de emoções; muitos ficaram bastante animados por ter sido um local perto de Tóquio, alguns que vieram de países tropicais não ficaram tão animados assim por ter sido um local conhecido pelo frio extremo, e muitos outros tipos de reações. A minha instituição de ensino, onde estudo atualmente, foi o Instituto Tecnológico de Matsue. Eu não sabia nada a respeito do local e, para a minha surpresa, muitos professores também não sabiam. No final da revelação algumas pessoas foram indagar os professores a respeito dos critérios de seleção, mas os professores não souberam responder. Somente disseram que a seleção não parecia ter sido baseada nas notas de cada aluno no curso preparatório e nem na nacionalidade dos alunos. Então ficou no ar o mistério da decisão das instituições.

Aqui em Matsue a vida mais uma vez mudou completamente. Sai da vida agitada da metrópole de Tóquio para a vida calma do interior. Agora não havia mais com quem conversar em inglês então meu japonês foi colocado a teste. Felizmente me adaptei a essa transição mais rapidamente do que a mudança Curitiba – Tóquio. Muito graças ao auxílio do meu tutor, um colega de classe que me auxiliou bastante nos primeiros dias, que foram bastante assustadores por conta do idioma. Foi aqui que percebi que os professores da escola preparatória falam mais calmamente e devagar para entendermos melhor. Aqui, muitos professores falam no que parece ser 1000 palavras por minuto, os alunos conversam com muitas gírias regionais, o curso tem muito vocabulário técnico... Todas coisas que me ajudaram a melhorar meu japonês mais do que qualquer apostila jamais poderia.

O curso de engenharia mecânica aqui em Matsue tem aulas teóricas, práticas e também, inesperadamente, educação física. As aulas práticas são aplicações diretas do conteúdo visto nas teóricas. Por exemplo, em uma certa semana aprendemos sobre o efeito do calor sobre materiais metálicos e, apenas dois dias depois, fizemos o experimento equivalente. Apesar de os professores e os alunos não se impressionarem muito com a qualidade dos laboratórios, eu, pessoalmente, os achei bastante completos. Nunca há sempre material suficiente para cada aluno, os equipamentos são os mesmos que vi na visita ao Instituto Tecnológico de Tóquio (considerado o mais completo e avançado do país) e as medidas de segurança são levadas bastante a sério.